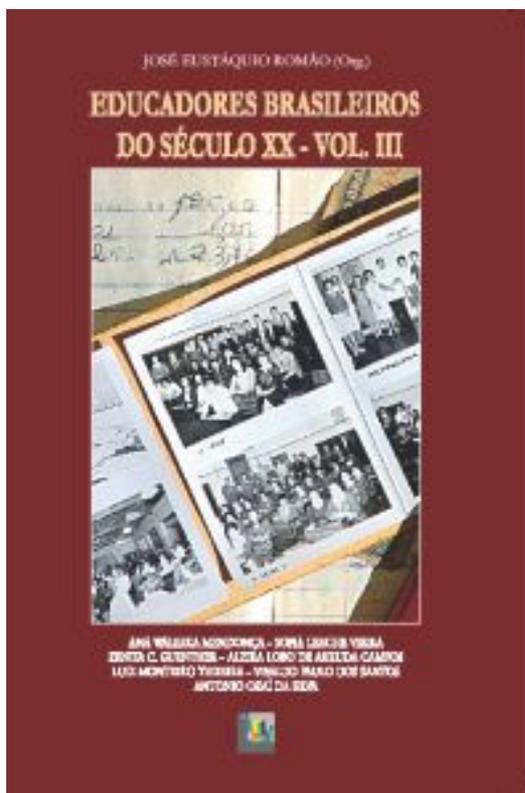


resenha:

ROMÃO, José Eustáquio (Org.). **Educadores brasileiros do século XX** (Vol. II).
Brasília: Liber Livro, 2011.

O legado educacional de educadores do século XX: revivendo exemplos do ato de ensinar

Jani Alves da Silva Moreira *



Essa obra chegou em um momento de inquietação, indignação e militância pela causa docente, pois ainda vivenciam-se velhas batalhas por melhores condições e valorização da carreira dos educadores. A leitura dessa obra é necessária porque, diante da luta incessante, reviver exemplos de educadores, descrever, narrar e analisar suas histórias é uma lição que desencadeia esperanças no ato de ensinar e revigora a valorização do ser educador.

A obra apresenta o legado educacional de cinco intelectuais orgânicos: *Anísio Spínola Teixeira* (1900-1971), *Frota Pessoa* (1875-1951), *Helena Antipoff* (1892-1974), *José Rodrigues Leite e Oiticica* (1882-1957) e *Maurício Tragtenberg* (1929-1998). Cada intelectual foi biografado por pesquisadores de renome, especializados na biografia dos educadores, ou que de certa forma conviveram os mesmos ideais partilhados pelos intelectuais. O livro foi publicado pela Liber Livro e sua primeira edição data de 2011. Sua organização coube ao Prof. Dr. José Eustáquio Romão, docente da pós-graduação em educação do Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE) e professor visitante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa, Portugal.

Inicia-se a leitura por meio das explicitações sobre o legado educacional de Anísio Spínola Teixeira, que foi apresentado por Ana Waleska Mendonça, professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A autora evidencia que sua compreensão sobre a atuação e influências de Anísio Teixeira na educação brasileira faz parte de uma “releitura do legado da Escola Nova no Brasil” que tem sido desenvolvida por

um grupo de historiadores que se propuseram a construir interpretações mais abertas “[...] às ambiguidades e contradições que marcaram esse movimento entre nós” (MENDONÇA, 2011, p. 40). Direcionada nessa vertente, a autora declara que há uma importância no legado de Anísio Teixeira, um dos autores clássicos do pensamento pedagógico brasileiro, um dos principais expoentes da Escola Nova que deve ser reexaminado continuamente, “[...] porque temos sempre o que aprender com ele” (MENDONÇA, 2011, p. 41).

Afinal, para uma indagação: o que teria de tão importante para aprender sobre a educação com Anísio Teixeira em um período histórico com algumas características diferentes das quais ele vivenciou? Vivem-se hoje as intensas mutações econômicas em que as nações “[...] são particularmente vulneráveis ao choque da mundialização porque são atravessadas por novas fragilidades e marcadas por formas igualmente novas de desigualdades, e pelos [...] efeitos destrutivos do individualismo moderno” (FITOUSSI; ROSANVALLON, 1997, p.03). E ainda, pode-se analisar, por meio da história, que a educação foi:

[...] institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema capitalista, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes [...] (MÉSZÁROS, 2008, p. 35).

Mendonça (2011) deixa claro que a apropriação das ideias de Anísio Teixeira foi renegada no Brasil e de forma desafiadora mostra que Anísio Teixeira foi um militante político que encarou a educação como uma missão,

enfrentou diversas disputas principalmente com os conservadores da Igreja Católica, porém não abandonou o campo educacional. Defendeu a educação pública como sendo comum para todos, gratuita, universal, estatal e laica, e em sua visão a escola deveria ser verdadeiramente democrática – pautado na concepção *deweyana*. Propôs Anísio que a escola fosse o espaço onde se vive e não onde se prepara para a vida, por meio da qual os fundamentos sociais e psicológicos deveriam se articular. A educação foi traçada como uma arte científica, e na visão de Anísio Teixeira os professores tinham uma ação fundamental, pois deveriam demonstrar “[...] atitude científica, isto é, de experimentação, de ensaio, em relação a ideais e teorias, e de respeito em relação aos fatos comprovados (TEIXEIRA apud MENDONÇA, 2011, p. 31).

O cronista cearense que nasceu em Sobral, José Getúlio da Frota Pessoa (1875-1951), cujos escritos e militância são praticamente desconhecidos na atualidade, marcou sua atuação na educação por meio dos seus posicionamentos sem meias-palavras. De acordo com Sofia Lerche Vieira (2011), ele tinha uma opinião firme e corajosa no âmbito político, e fez da pena seu instrumento de luta sob a condição de cronista da educação entre as décadas de 1930 e 1940. Foi amanuense da Diretoria Geral de Instrução do Rio de Janeiro, advogado (1905-1911) e redator de *O Comércio*, colaborador de *O Porvir*, *Jornal do Commercio*, *Revista do Brasil*, redator de *A Gazeta de Notícias*, *o País*, *Folha da Tarde*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil* (VIEIRA, 2011). Sua obra é fecunda e trata de diversos assuntos, dentre eles a educação.

Vieira (2011) destaca que as produções

de Frota Pessôa, suas compilações de artigos e conferências podem ser encontradas em três livros: *A educação e a rotina: theses heterodoxas* (1924), *Divulgação do ensino primário* (1928) e *A realidade brasileira* (1931). Na primeira obra, estão os artigos produzidos entre 1916 a 1923, os quais referem-se: [...] à crítica da gratuidade generalizada, em que defende que a educação primária seja considerada um dos ramos da assistência pública (VIEIRA, 2011, p. 49).

O livro *Divulgação do ensino primário* (1928) foi uma memória premiada no Segundo Prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira de Letras em 1927 e que apresentou reflexões sobre os problemas da educação brasileira. É interessante observar, nos prescritos de Vieira (2011), que o cronista, intitulado também como um dos Pioneiros da Escola Nova, defendia naquele período algumas teses que ainda hoje são debatidas, como a proposta de que os entes federados deveriam ter encargos discriminados e distribuídos com equilíbrio e critério. Para Frota Pessôa, caberia à “[...] União o encargo de fundar as escolas nacionais de educação por toda a parte onde julgue necessário, a começar pelo Nordeste (FROTA PESSÔA apud VIEIRA, 2011, p. 50). No livro *A realidade brasileira* (1931), encontram-se os artigos produzidos por Frota Pessôa entre 1924 a 1929, nos quais defende a educação para o trabalho, especialmente aquela destinada aos pobres, e sugere que “[...] convertamos todas as escolas primárias actuaes em escolas technicas para os pobres” (FROTA PESSÔA apud VIEIRA, 2011, p. 51).

Dentre o período de 1933 a 1948, Frota Pessôa produziu mais de 2.000 artigos que foram publicados no *Jornal do Brasil*. Vieira (2011), ao pesquisar

sobre o cronista, separou suas análises por categorias e apresentou as principais ideias do autor sobre os escritos que abordavam grandes temas, documentos e eventos e sujeitos coletivos e individuais. O principal tema debatido pelo cronista foi acerca do embate entre os católicos e liberais, expresso na polêmica sobre o ensino público e ensino religioso.

Outra educadora que muitos brasileiros desconhecem foi Helena Wladimirna Antipoff (1892-1974). Dona de um caráter persistente, essa cientista da educação nasceu na Bielo-Rússia, na cidade de Grodno, em 25 de março de 1892. Segundo Zenita C. Guenther (2011), que conviveu 20 anos com a mestre, Helena graduou-se em Ciências e Psicologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Sorbonne em Paris. Seu foco de estudo inicial foi o desenvolvimento da inteligência. Fez parte de um grupo de estudos liderado por Simon, companheiro de Alfred Binet. Conheceu Édouard Claparède, seu mestre e inspirador, da qual após 1912 foi sua assistente.

Em 1929, veio para o Brasil para lecionar Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico em Belo Horizonte, a pedido dos promotores da reforma Francisco Campos. Guenther (2011) registra que a obstinação da educadora era a luta para firmar a educação como uma ciência e no Brasil fundou e dirigiu o primeiro Laboratório de Psicologia, “[...] mergulhou na realidade brasileira, saindo a campo em busca da compreensão das raízes dos grandes problemas que condicionam a formação inicial e contínua de professores no Brasil (GUENTHER, 2011, p. 70). Fundou no Brasil a “escola de Helena Antipoff”, na Fazenda do Rosário em Betim: “[...] foi a principal sede de seus estudos, ação educativa,

que ainda hoje abriga um complexo educacional conhecido no Brasil e fora dele.”

A atitude científica de Antipoff está presente no seu ideário teórico, na prática profissional e na vivência diária. Tal atitude colaborou para a formação dos princípios da escola ativa. Guenther (2011) denomina essa atitude presença aristotélica devido às características presentes de percepção e observação, verificação, perspectiva, rigor nos registros, paciência e persistência, primando por um referencial explícito e amplo, quadro teórico em contínua construção e reorganização, empenho em divulgar e comunicar suas impressões e experiências, prática teorizada pela teoria praticada. Ensinar e aprender, para Antipoff, são duas dimensões de um mesmo processo.

Guenther (201, p. 87) assinala que a pedagogia básica de Antipoff “[...] se resumia em torno do fazer da vida cotidiana, ao mesmo tempo aprendendo e ensinando o que está sendo feito”. O conceito que os seguidores formavam da Helena Antipoff era parcializado e específico, dependendo do grupo de colaboradores. Suas áreas de atuação específica foram a educação especial e a educação emendativa, na qual agrupava, em uma mesma turma, vários tipos de aluno com necessidades específicas e utilizava-se da “ortopedia mental – uma estratégia de trabalho sistemático para o treinamento dos órgãos de percepção sensorial e faculdades mentais” (GUENTHER, 2011, p. 100). Focava também na formação de professores por meio de uma formação contínua e específica para professores de menores desamparados e abandonados, professores para a educação especial emendativa, professores para excepcionais bem-dotados e professores para a educação rural.

José Rodrigues Leite e Oiticica, de acordo com o detalhado legado prescrito por Campos; Teixeira; e Santos (2011), nasceu em Minas Gerais, na cidade de Oliveira, em 1882. Após uma breve biografia, encontra-se a definição de que Oiticica foi um intelectual e líder anarquista que se dedicou à revolução proletária nas primeiras décadas do século XX, e estudar sua história requer analisar também os prontuários da Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS).

Os autores afirmam que nos primeiros anos do século XX as ondas de greve da classe operária foram paralisadas diante da Primeira Guerra Mundial e retomadas após a Revolução de 1917 pelas lideranças operárias. Nesse contexto, José Oiticica foi designado líder do grupo de anarquistas que e junto com esse grupo teve o objetivo de recriar no Brasil os acontecimentos ocorridos na Revolução Russa em Petrogrado. Diversos fatores durante o processo de planejamento e execução das ações levaram à interrupção e prisão de Oiticica e outros líderes. Oiticica foi deportado para o estado do Alagoas e lá continuou a difundir suas ideias entre os pescadores. Em 1924, no governo de Artur Bernardes (1922/1926), Oiticica voltou a ser preso em plena sala de aula no Colégio Pedro II, permanecendo um ano na prisão e foi enviado para a Ilha das Flores e depois para a Ilha do Bom Jesus. Na prisão, escreveu em papéis de embrulho a obra *A doutrina anarquista ao alcance de todos*.

Nos anos de 1929 e 1930, Oiticica lecionou Filologia Portuguesa na Universidade de Hamburgo, na Alemanha. Em 1930, voltou ao Brasil e continuou a militância política na tentativa de fortalecer os movimentos sociais em São Paulo por meio dos

princípios libertários. Proferiu conferências nas quais participavam informantes policiais infiltrados na associação libertária, no Centro de Cultura Social em São Paulo. Essas conferências abordavam diversos temas, como a luta entre Stalin e Trotsky e acontecimentos que provocaram a cisão no proletariado (CAMPOS; TEIXEIRA; SANTOS, 2011).

De acordo com os autores (2011), após esse período, os anarquistas nacionais exploraram o assunto e buscaram a reconquista da hegemonia que exerciam no movimento operário até 1922, quando então foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB). A luta e a convicção de Oiticica no anarquismo lhe custaram diversas perseguições, prisões, mudanças de cidade e inimigos tanto da esquerda quanto da direita. Ao tratar sobre educação, o professor, político e poeta Oiticica depositava sobre a revolução anarquista uma feição pedagógica, um papel fundamental para a revolução proletária em consonância com o pressuposto gramsciano da contracultura (OITICICA apud CAMPOS; TEIXEIRA; SANTOS, 2011, p. 149).

Compreender a trajetória intelectual e a militância de Maurício Tragtenberg (1929-1998) no campo educacional foi o desafio trilhado por Antonio Ozaí da Silva, professor da Universidade Estadual de Maringá – PR, durante sua pesquisa de doutorado na USP. Tragtenberg foi professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), da Universidade de Campinas (Unicamp) e da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP). Nas reflexões quanto ao legado educacional de Tragtenberg, o foco tratado nesse capítulo refere-se à crítica da universidade, sua escolarização e função na sociedade; posteriormente, o autor contrapôs o

pensamento pedagógico do intelectual com a pedagogia crítica.

Os escritos de Tragtenberg demonstram que o autor foi um “intelectual engajado”, um homem do seu tempo que traçou críticas e manteve-se na luta contra o direcionamento mercadológico de concepção instrumentalista que percorreu a universidade brasileira a partir da década de 1960. Em diversos momentos, especialmente na obra *A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder*, o autor revela suas definições sobre a universidade, comparando-a com uma fábrica do capitalismo que supriria os recursos humanos para a classe dominante e contribuiria para a reprodução da ideologia dessa classe (TRAGTENBERG, p. 11 apud SILVA, 2011, p. 168).

Silva (2011) postula que Tragtenberg, com eloquência irônica, ousadia e olhar perspicaz, revoltava-se com o servilismo dos intelectuais da academia e com a neutralidade acadêmica que por meio de critérios mercadológicos transformam educadores, educandos e conhecimento em “mercadorias permutáveis”. Tragtenberg também criticava as instituições responsáveis pela formação dos educadores que preparam o “[...] professor policial, aquele que supervaloriza o sistema de exames, a avaliação rígida do aluno, o conformismo ante o saber professoral” (TRAGTENBERG, 1990a p. 11 e 12 apud SILVA, 2011, p. 174). Enfatizava que a escola desempenha a “função política e ideológica de inculcação”. Tragtenberg fundamentava seus argumentos nas reflexões de Foucault (2000), nos pedagogos socialistas como Pistrak, em Francisco Ferrer y Guardia que lhe forneceu uma contribuição valiosa para resgatar a pedagogia libertária e para “[...] reafirmar a crítica

à escolarização burocrática e também os valores e princípios da pedagogia antiburocrática” (SILVA, 2011, p. 190).

Silva (2011) analisou que o núcleo da proposta pedagógica desse intelectual era a “autogestão centrada no interesse do educando”. Por meio dessa concepção, propunha a superação de “[...] barreiras que separam professor-aluno, educador-educando, instituindo a possibilidade de o educador também se educar e pressupondo que o saber e a ignorância, em ambos os casos, não são absolutos” (SILVA, 2011, p. 192). Tragtenberg defendia também a paridade da representação discente, docente e dos funcionários nos conselhos universitários e defendia a necessidade de superar o elitismo acadêmico. Sua vida, sua militância, seus postulados mostram um exemplo de pensamento crítico sobre a educação com vistas a propiciar uma retomada da pedagogia libertária e da autogestão nas instituições educacionais.

Reportar ao período histórico do século XX vivenciado por esses educadores revelou que as contradições oriundas do movimento sociometabólico do capital produzem as mazelas sociais na situação da condição docente. Compreender tal concretude desnuda que a luta é histórica e que “a educação

só tem sentido porque homens e mulheres aprenderam que é aprendendo que fazem e se refazem” (FREIRE, 1999, p. 40). Recomenda-se a leitura dessa obra a todos os educadores brasileiros, graduandos de licenciaturas e de pós-graduação na área das Ciências Humanas e Sociais em geral. Enfim, a trajetória de vida dos educadores apresentados instiga a pensar na militância exercida pelos intelectuais orgânicos da educação na atualidade. Nos recônditos do vasto campo educacional brasileiro, ao longo dos cinco séculos vividos, tem-se a esperança de que o legado deixado por esses educadores causou mudanças significativas na vida de tantos outros educadores que militam e que seguem os caminhos trilhados pelos educadores do século XX.

Referências

- FITOUSSI, J. P.; ROSANVALLON, P. **A nova era das desigualdades**. Oeiras, Celta Editora, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MÉZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ROMÃO, José Eustáquio (Org.). **Educadores brasileiros do século XX** (Vol. II). Brasília: Liber Livro, 2011.



* **JANI ALVES DA SILVA MOREIRA** é Professora do Departamento de Teoria e Prática (DTP/UEM) e Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá.